

Poder, fé e política: vontades de verdade em discurso no acontecimento da manifestação Pró-Bolsonaro

Power, faith and politics: wills to truth in discourse in the event of the demonstration Pro-Bolsonaro

Willian Andrade Silva ¹

Patrícia Diógenes de Melo ²

Maria Eliza Freitas do Nascimento ³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o discurso propagado pelo líder evangélico Silas Malafaia no acontecimento da manifestação pró-Bolsonaro, ocorrida na Avenida Paulista, no dia 25 de fevereiro de 2024. O referido pastor é conhecido por sua influência significativa no meio religioso e na política brasileira, e, neste sentido, assume uma posição sujeito, cujos pronunciamentos constroem vontades de verdade a partir de certas regras de formação do discurso. Partimos dos Estudos Discursivos Foucaultianos, através do método arqueogenealógico para discutir os conceitos de discurso, formação discursiva, poder, biopoder e vontade de verdade, entre outros e realizar a análise do *corpus*, considerando os atravessamentos das questões presentes na construção dos sentidos e das vontades de verdade no entrecruzamento da fé e da política, permeado pelas relações de poder e saber; além de desvendar as estratégias discursivas empregadas para exercer controle sobre os sujeitos. Ressaltamos como essas estratégias de poder se entrelaçam com discursos religiosos e políticos, no acontecimento na história, tendo em vista a proliferação do que é dito, mediante um discurso de repúdio ao governo atual. Para subsidiar teoricamente as análises, tomamos por base autores como Foucault (2004, 2008a, 2008b), Costa (2023), Debord (2003), Machado (2017), Siqueira (2023), dentre outros. Trata-se, portanto, de um estudo de abordagem qualitativa, usando como *corpus* um vídeo publicado na plataforma *YouTube* com o pronunciamento do Pastor. Assim, ao aplicar-se a lente da teoria foucaultiana, verificou-se que as relações de poder se manifestam a partir da vontade de verdade atrelada à fé e ao interesse político, aos quais se vinculam o sujeito enunciador. Além do que, podemos observar que as imbricações religiosas servem como estratégias discursivas para dar apoio ao ex-presidente Bolsonaro, unindo o público em torno da vontade de verdade produzida discursivamente.

Palavras-chave: Discurso. Fé. Política. Relações de Poder.

ABSTRACT

This article aims to analyze the discourse propagated by evangelical leader Silas Malafaia during the pro-Bolsonaro demonstration that took place on Paulista Avenue on February 25, 2024. That leader is known for his significant influence in the religious milieu and in Brazilian politics and, in this sense, he assumes a subject position, whose pronouncements construct wills of truth based on certain rules of discourse formation. We started from Foucault's Discursive Studies, using the archaeogenealogical method to discuss the concepts of discourse, discursive formation, power, biopower and will to truth, among others, and to analyze the corpus, taking into account the issues present in the construction of meanings and wills to truth at the intersection of faith and politics, crowded by relations of power and knowledge; as well as uncovering the discursive strategies employed to exercise control over subjects. We emphasize how these strategies of power are intertwined with religious and political discourses, in the event in history, in view of the proliferation of what is said, through a discourse of repudiation of the current government. To provide theoretical support for the analysis, we used authors such as Foucault (2004, 2008a, 2008b), Costa (2023), Debord (2003), Machado (2017), Siqueira (2023), among others. This is therefore a qualitative study, using as its *corpus* a video published on the YouTube platform with the Pastor's speech. Thus, by applying the lens of Foucault's theory, we saw that power relations arise from the will to truth linked to faith and political interest, to which the enunciating subject is bound. Furthermore, we can see that religious questions serve as discursive strategies to support former president Bolsonaro, joining the public around the discursively produced will to truth.

Keywords: Discourse. Faith. Politics. Power relations.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros, RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2167-1993>. E-mail: andradew731@gmail.com.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros, RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8337-2288>. E-mail: patricia.melo@ifpb.edu.br.

³ Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mossoró/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7343-5609>. E-mail: elizafreitas@uern.br.

1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, debates em relação à articulação entre a política e a religião são temas complexos e cruciais, que precisam ser analisados pelo viés de como certos discursos políticos e ideológicos alimentam sentidos de intolerância dentro deste parâmetro. Além disso, é importante considerar como esses extremos podem se manifestar em diferentes áreas, como o racismo, a homofobia, a xenofobia, o machismo, bem como a discriminação religiosa e sua reverberação. Essa discussão ganha mais evidência, a partir da influência das mídias sociais digitais na disseminação de tais discursos.

No Brasil, tal prática vem se intensificando a partir dos cenários das eleições presidenciais de 2018 e de 2022, que se perpetua até o momento atual no contexto dos discursos político e religioso. Faz-se necessária, portanto, uma reflexão sobre como os meios de comunicação contemporâneos, especialmente as mídias sociais digitais, têm sido utilizados como ferramentas para disseminar discursos polarizados que afetam a sociedade e a democracia. Esses discursos são permeados de vontades de verdade que marcam a polarização entre diferentes grupos sociais.

Tais discursos podem assumir diversas formas e são frequentemente utilizados para promover agendas discriminatórias e intolerantes. A título de exemplo, é possível mencionar: a) homofobia e transfobia: aversão e discriminação contra a comunidade LGBTQIAPN⁴, incluindo ataques verbais e deslegitimação de seus direitos. b) racismo: propagação de ideias e estereótipos racistas, promovendo a superioridade de determinados grupos em detrimento a outros. Esses discursos são também frequentemente disseminados nas redes sociais digitais por meio de postagens, comentários, vídeos e memes, contribuindo para intensificar o aumento da intolerância e a disseminação da desinformação, prejudicando o diálogo democrático e a convivência harmoniosa no bojo das diferenças.

Assim, é necessário refletir, com Guy Debord (2003), filósofo e teórico da sociedade do espetáculo, que vivemos em uma era na qual a representação da realidade é mais significativa do que a própria realidade. A partir desse contexto, há espaços privilegiados em que tal representação é moldada e amplificada, em muitos casos, de forma diversa repercutindo efeitos de preconceitos e desinformações, que contribuem para a disseminação do ódio, da intolerância e da violência, em suas diferentes nuances.

Debord (2003) também discute o papel dos meios de comunicação de massa na criação de uma sociedade do espetáculo, na qual a imagem e a representação são mais valorizadas do que a realidade concreta. O autor afirma que o espetáculo unifica a sociedade, tendo em vista que "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens" (Debord, 2003, p. 14). Assim, resguardando a distinção entre o estudo da espetacularização das imagens na década de 60 e a sociedade midiaticizada da atualidade, podemos enfatizar que a proliferação de discursos em diferentes lugares de produção e circulação, incluindo as mídias digitais, contribui para o efeito de espetáculo na disseminação de conteúdos sensacionalistas e polêmicos, os quais alimentam o ciclo da intolerância, inclusive no âmbito da política, favorecendo diferentes formações discursivas marcadas pelas regularidades em suas posições frente à certas pautas sociais.

⁴ Para compreender melhor a sigla e o que mudou: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/06/28/de-lgbt-a-lgbtaiapn-por-que-a-sigla-mudou-e-o-que-significa-cada-letra.ghtml>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Ademais, o autor alerta para os perigos da espetacularização da política, pela qual a lógica do entretenimento e do espetáculo obscurece questões importantes e complexas em prol de narrativas simplistas e emocionadas. Tal espetacularização é evidente no Brasil, em que figuras públicas e políticos mobilizam discursos inflamados e polarizadores, com vistas a ganhar visibilidade e influência nas redes sociais.

A partir disso, tem se destacado no cenário da espetacularização política e religiosa, de vertente evangélica, o pastor Silas Malafaia, atual líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), desde 2010. A igreja tem uma sede no estado do Rio de Janeiro, possuindo mais de 200 mil membros, segundo informações do próprio site da organização (ADVEC, 2024). Malafaia é amplamente conhecido por sua presença na mídia e assume uma posição de poder no discurso, através da qual exerce influência considerável sobre seus seguidores e, conseqüentemente, na esfera pública. Importa destacar, ainda, que o pastor faz parte do movimento neopentecostal no Brasil, representando uma vertente do pentecostalismo que surgiu na segunda metade do século XX, caracterizando-se por uma abordagem mais moderna e midiática do cristianismo. "O neopentecostalismo no Brasil se caracteriza pela ênfase na teologia da prosperidade, onde a fé é associada à obtenção de bênçãos materiais e de saúde, e pela forte presença midiática e empresarial das igrejas." (Almeida, 2009, p. 45). Esse movimento se destaca por uma forte presença na mídia, utilizando a rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet para alcançar um grande público.

Com isso, muitos temas vêm à tona nesse âmbito de produção e circulação de discursos midiáticos nos veículos de comunicação. A exemplo, Koren (2015), ao analisar o discurso do pastor Silas Malafaia, argumenta que o pastor ignora qualquer processo histórico que de alguma forma esteja modificando a configuração de família nuclear e atribui que essa mudança se deve a ação de feministas, ativistas homossexuais e a atores políticos que compactuam com essas causas. Desse modo, evidencia-se uma proliferação de sentidos marcados nos discursos por uma construção de sentidos pautada na intolerância e na oposição a grupos minoritários. Também tem destaque os discursos que enfatizam a relação entre a religião e a política, uma vez que a posição de sujeito do pastor interliga esse lugar diante de atuações políticas, com apoio a certas pautas consideradas de direita.

Diante dessa contextualização, o presente artigo tem por objetivo realizar uma análise da produção discursiva materializada no pronunciamento do líder evangélico Silas Malafaia, no acontecimento da manifestação pró-Bolsonaro na Avenida Paulista, que ocorreu no dia 25 de janeiro de 2024, ressaltando a construção das vontades de verdade na esfera biopolítica. Nessa produção discursiva, os sentidos são construídos pela história e a memória que ecoam das práticas sociais em diferentes configurações que envolvem a tríade poder, política e religião. Tomamos como base os estudos discursivos foucaultianos, através do método arqueogenealógico, a fim de ressaltar as vontades de verdade produzidas e as relações de poder-saber que legitimam o que é dito mediante as formações das modalidades enunciativas que permeiam o campo discursivo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O trabalho está embasado na abordagem arqueogenealógica de Michel Foucault. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo-interpretativo, centrando-se na natureza do fenômeno observado. Ademais, dispensa-se

o manejo de variáveis, dados estatísticos e quaisquer outros elementos de natureza quantitativa, tendo em vista a busca pela descrição e interpretação do *corpus* de análise, a partir das formações discursivas em que se inscreve o discurso, tendo em vista a heterogeneidade constitutiva dos enunciados, marcados por diferentes posições de sujeito enunciativo.

Dito isso, o *corpus* do trabalho é constituído por recortes retirados da página Poder360, disponível na plataforma *YouTube*, que traz a produção discursiva materializada no pronunciamento do pastor Silas Malafaia no acontecimento da manifestação da Avenida Paulista. Selecionamos enunciados discursivos desse discurso, os quais estabelecem regularidades da formação discursiva (doravante FD), a qual por sua heterogeneidade permite a intersecção de discursos (político, religioso, econômico etc.) para a produção de efeitos de sentido. Assim, a descrição da FD permite compreender as dizibilidades sobre o objeto que é construído discursivamente e marca a tênue seara entre política e religião.

Desta feita, discutiremos, na seção seguinte, a teoria foucaultiana, como pressuposto teórico de análise de discursos, com ênfase em categorias que subsidiarão o gesto de leitura na história do presente. Em seguida, realizaremos a análise do *corpus* e, por fim, serão expostas às considerações finais, com o propósito de finalizar as discussões aqui oportunizadas.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a pretensão proposta neste trabalho, importa destacar que as teorizações foucaultianas perpassaram variados campos do saber, promovendo diferentes rupturas e modos de observar os fenômenos sociais. Nessa vastidão de temáticas e de objetos de investigação, algumas regularidades podem ser flagradas, as quais materializam fases do pensamento de Foucault.

De acordo com Gregolin (2016), é possível dividir a obra do autor em três fases, que são: a) arqueologia do saber – as abordagens se debruçam sobre os diferentes modos de investigação que constroem o sujeito como objeto de estudo na constituição das ciências humanas; b) genealogia do poder – o foco incide nas diversas tecnologias de poder que atuam sobre o sujeito; c) ética e estética da existência – a atenção se volta para o exame dos modos de subjetivação e técnicas do governo de si.

Nessas três fases, a noção de sujeito para Foucault não é uma entidade pré-existente que se expressa através da linguagem, enquanto uma origem, mas sim uma construção discursiva, uma posição a ser ocupada. O sujeito é formado a partir das práticas discursivas que o constroem, e é por meio dessas práticas que ele se constitui como objeto de conhecimento e de poder.

Situando a fase arqueológica, por exemplo, Foucault propõe uma abordagem que fornece uma lente única para compreender o saber em suas várias manifestações e estruturas na sociedade. Em vez de adotar uma visão linear e essencialista, o filósofo propõe uma análise que examina os deslocamentos, transformações e dispersões ao longo do tempo. Nesta discussão, exploraremos como o saber das instituições religiosas e políticas se imbricam no âmbito do discurso do Pastor Silas Malafaia, a partir do acontecimento da manifestação ocorrida na Avenida Paulista, em apoio a Bolsonaro.

Na obra *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2010) critica a história das ideias e propõe um método de investigação que visa descortinar a ordem interna que constitui um determinado saber. Para o autor:

[...] a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar todas as perturbações da continuidade, enquanto a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar, em benefício das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos (Foucault, 2008a, p.6).

A partir dessa compreensão, deve-se dar atenção à irrupção dos acontecimentos, destacando sob quais condições históricas os fazem emergir. Segundo Foucault (2010a), para analisar o discurso não é necessário recorrer à sua origem, mas tratá-lo no jogo da sua instância. Referindo-se ao presente estudo, busca-se descortinar a instância da irrupção dos enunciados no discurso do Pastor Silas Malafaia. Esses enunciados ligam-se numa regularidade que constitui a FD em torno da construção e emergência da enunciação. Assim, é um conceito primordial nos estudos foucaultianos, a formação discursiva, sendo essa entendida como:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (Foucault, 2010a, p. 43).

No conceito da FD o que está em jogo é a regularidade no interior da dispersão dos enunciados. Isso contribui para compreender que a análise do discurso foucaultiano propõe uma visão crítica para descrever como o conhecimento e a linguagem se entrelaçam para construir a formação dos objetos, conceitos, modalidades enunciativas e estratégias, sob as quais os discursos constroem os objetos de que falam e marcam as questões da sociedade e das dinâmicas de poder. Dessa forma, em relação ao discurso, Foucault o define como:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (Foucault, 2010a, p. 132).

Nesse sentido, o discurso em Foucault, de acordo com Revel (2005, p.37), compreende “a ordem própria que um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas”. Dessarte, ao se realizar a descrição e interpretação do discurso, dá-se surgimento à questão do enunciado. Foucault parte primeiro da discussão do que não é enunciado e só então o apresenta como sendo:

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não [...] ele não é em si mesmo uma unidade, mas uma

função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam conteúdos concretos, no tempo e no espaço (Foucault, 2010a, p. 98).

De tal modo, é importante destacar que Foucault (2010a) considera que o enunciado existe enquanto uma função enunciativa, constituída por quatro questões particulares: a primeira - o referente - diz respeito à capacidade do enunciado de fazer referência ao mundo exterior, seja ele físico, social, histórico etc. Os enunciados têm a capacidade de descrever, representar ou interpretar objetos, eventos ou ideias, tornando-os uma forma de construir conhecimento sobre o mundo; a segunda marca - a posição do sujeito - significa que cada enunciado mantém com um sujeito uma relação determinada. Tal posição influencia na forma como o enunciado é interpretado e recebido pelos outros.

Já a terceira - o campo associado - é constituído, de início, pela série das outras formulações, no interior das quais o enunciado se inscreve e forma um elemento. Cada enunciado faz parte de um campo associado que inclui outras enunciações, práticas discursivas, instituições, poderes e conhecimentos que o moldam e influenciam o seu significado, visto que não pode ser compreendido de forma isolada. Por fim, existe a última marca - a materialidade - sendo a manifestação física ou tangível do enunciado, ou seja, a sua forma material de expressão, que pode ser oral, escrita, visual, gestual etc. A materialidade do enunciado influencia na recepção e interpretação, uma vez que diferentes formas de expressão podem transmitir diferentes significados e contextos. No caso deste trabalho, a mídia digital assume o lugar de materialidade na qual o discurso circula na indelével plataforma do *YouTube*, tornando-o acessível as multidões ao toque de um clique.

Nessa discussão importa que “a descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault 2010a, p.31). A interrogação, ora apresentada, é pertinente a esta pesquisa por investigar que condições de emergência colaboraram para os enunciados discursivos produzidos por Silas Malafaia, em 25 de fevereiro de 2024, e não outros em seu lugar e como produzem vontades de verdade para o público ao qual o seu discurso é direcionado.

Para além da questão do enunciado, as reflexões foucaultianas abordam que ao se identificar um conjunto de enunciados pretende-se fazer a descrição arqueológica, identificando regularidades, ligações, relações e como esses ditos se entrelaçam. Os enunciados que apresentam uma regularidade irão, então, formar um discurso. Estas regularidades articulam a língua, a história e o acontecimento, em descontinuidades e rupturas, assinalando o espaço comum no funcionamento das formações discursivas.

Outro conceito importante que se liga às questões da arqueologia é o arquivo, o qual é compreendido, em Foucault (2010a), como sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos e coisas. Segundo apresenta Veiga-Neto, Foucault define o arquivo como um:

conjunto de regras que, num dado período histórico e numa dada sociedade, determina ou condiciona tanto aquilo que pode ser dito - em termos de seus 'conteúdos', seus limites e suas formas de se manifestar -, quanto tudo o que vale lembrar, conservar e reativar. O arquivo pode ser entendido como um jogo de relações num discurso; um jogo que se dá nessas relações puramente discursivas e que, por isso mesmo, é “irreduzível às coisas ditas ou aos homens que a disseram”. Mais tarde, Foucault irá dizer que o arquivo é o conjunto de discursos cujo pronunciamento, num determinado momento, está sancionado pelo conteúdo de verdade que se lhes atribui (Veiga-Neto, 2007, p. 95).

Partindo-se desse entendimento, o arquivo não é apenas um local de armazenamento passivo, mas um campo ativo de produção de discursos, onde as relações de saber e poder são construídas. O pensamento foucaultiano enfatiza como o arquivo participa da construção da verdade e da criação de discursos autorizados. Esses aspectos sobre o arquivo são fundamentais para a análise das práticas discursivas, das estruturas de poder e das formas de conhecimento ao longo da história.

Segundo Deleuze (2017, p. 46), o arquivo pode ser definido como “a coleção audiovisual de uma época, o visível e o enunciável. Portanto, é a partir do visível e do enunciável que se define uma época”. Para Foucault, o conceito de arquivo vai além do que geralmente consideramos como documentos físicos ou eletrônicos armazenados em um lugar específico. “Meu objeto não é a linguagem, mas o arquivo, ou seja, a existência acumulada dos discursos” (Foucault, 2005, p.72), amplia-se, assim, a noção de arquivo para incluir não apenas registros materiais, mas também sistemas de práticas e discursos que moldam e mantêm formas de conhecimento e de poder.

Chamarei de arquivo não a totalidade de textos que foram conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que puderam ser salvos de seu desastre, mas o jogo das regras que, em uma cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de acontecimentos e de coisas (Foucault, 2005, p. 95).

A partir do arquivo dos discursos políticos e religiosos, o *corpus* de análise, formado pelas materialidades discursivas a serem exploradas neste trabalho, é recortado para compreender os sentidos construídos na formação discursiva na qual se instaura o discurso do pastor Malafaia. Como o discurso emerge a partir de determinadas condições históricas, ele sofre transformações a depender do momento no qual é construído.

Ressalte-se que Foucault analisa as relações sob o discurso a partir do deslocamento entre o saber e o poder em seu exercício, presentes na sociedade, ligando-as a um saber no interior de uma formação discursiva. Saber e poder estão em uma relação de produção mútua. Segundo Foucault (2010a), o saber constitui-se como uma posição no esteio de uma prática discursiva, sobre a qual se constroem os objetos, conceitos, modalidades de enunciação e estratégias.

Considerando que tais práticas recobrem diversos objetos, o saber é plural, podendo assumir diferentes posicionamentos em torno de uma variedade de conceitos. Nas palavras de Foucault (2010a, p. 221), “[...] o saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas”. Dessa feita, o eixo arqueológico contribui para identificar os saberes mobilizados no discurso de Silas Malafaia, enquanto o eixo genealógico auxiliará na compreensão de como são construídas as relações de poder na produção de discursos relacionados a esses saberes.

Sob essa ótica, importa averiguar como as relações de poder e saber foram construídas a partir do discurso proferido por Malafaia, na Avenida Paulista, no contexto do ato em defesa do ex-presidente Bolsonaro. Através dos estudos foucaultianos, podemos ressaltar que o poder envolve sujeitos e subjetividades, tendo em vista que ao produzir discursos mobilizam-se vontades de verdade que ressoam sobre os indivíduos e que influenciam tecnologias de governo na gestão das condutas e comportamentos.

Outrossim, torna-se necessário nesta discussão, explanar a teorização acerca do poder na fase genealógica de Michel Foucault, ressaltando que não é visto como centro, mas como relação. Sobre isso, argumenta Duarte (2008b):

O poder é sempre plural e relacional e se exerce em práticas heterogêneas e sujeitas a transformações: isto significa que o poder se dá em um conjunto de práticas sociais constituídas historicamente, que atuam por meio de dispositivos estratégicos que alcançam a todos e dos quais ninguém pode escapar, pois não se encontra uma região da vida social que esteja isenta de seus mecanismos. (Duarte, 2008b, p. 4).

Desse modo, tais mecanismos interligam relações de poder e saber e o seu exercício na sociedade, no interior de uma prática discursiva. Logo, saber e poder estão em uma relação de produção mútua. Assim, faz-se, então, primordial compreender como o discurso produz vontades de verdade e subjetividades, pois o sujeito é construído discursivamente e as relações de poder promovem modos de subjetivação ou sujeição. Ou seja, o sujeito é produzido por discursos de saber/poder e é também imerso em movimentos de resistência, conforme salienta Foucault (2010a).

Ademais, nessa genealogia, salientamos os conceitos de biopoder, poder disciplinar e biopolítica discutidos por Michel Foucault (2008b) para descrever novas formas de poder que surgiram na sociedade contemporânea. Essas ideias são fundamentais em sua análise do biopoder, um termo que ele usa para discutir como o poder é exercido na sociedade contemporânea. Esta expressão se refere a um tipo de poder focado na gestão da vida, sendo diferente do poder soberano tradicional, que se baseia na ameaça de morte (fazer morrer e deixar viver). Em vez disso, se concentra na gestão da vida e na maximização das habilidades dos indivíduos e das populações (Foucault, 2008).

Desse modo, o biopoder se volta para a valorização da vida e, conforme Foucault (2010b) apresenta-se sob duas formas: a primeira centrada na visão do corpo individual que pretende o seu adestramento por vias de um poder disciplinar, que busca o desenvolvimento de aptidões que aumentem a força, utilidade e docilidade. A segunda, tem como objeto a população, através de programas de investimentos ligados às questões biológicas (natalidade, mortalidade, longevidade, nível de saúde, vacinação, etc.), na égide de uma biopolítica sob diferentes tecnologias de governo. Desse modo, o biopoder combina as práticas disciplinares voltadas para o indivíduo com as práticas biopolíticas voltadas para a população, resultando em uma forma complexa e abrangente de poder que molda a vida moderna.

Dessas estratégias de biopolítica é necessário entender a governamentalidade no bojo de tais questões. Foucault (2008b) usa o termo para descrever a maneira como os governos tentam controlar a conduta das pessoas por meio da organização da vida cotidiana e da criação de normas, além de leis e regulamentos. Através da governamentalidade o poder se torna mais difuso e menos visível, operando por meio de uma variedade de instituições e práticas que se infiltram na vida cotidiana da população, já que esta aparece como sujeito de necessidades nas mãos do governo (Foucault, 2008a).

Por isso, a análise do discurso do pronunciamento do Pastor Malafaia pode revelar como essas relações de poder são exercidas na prática, sobretudo, no que diz respeito ao poder pastoral e sua utilização no âmbito político, examinando o enunciado, a partir de condições históricas de possibilidade e de práticas discursivas específicas. Outrossim, Michel Foucault (2008b) introduziu o conceito de "poder pastoral" como parte de sua análise sobre o funcionamento do poder na sociedade, especialmente em suas obras relacionadas à genealogia do poder e à história das práticas disciplinares. O termo "pastoral" deriva da palavra latina "*pastoris*", que significa "pastor" ou "guia de rebanho", e

é frequentemente associado à figura do pastor religioso que cuida e direciona suas ovelhas. Assim, "o poder pastoral é individualizante, pois se ocupa do indivíduo em particular, e totalizante, porque cuida de toda a comunidade. Ele é um poder de cuidado, de orientação e de condução das almas" (Foucault, 2008b, p. 127).

Para Foucault (2008b), esse tipo de poder não se limita apenas ao contexto religioso, mas se estende a várias instituições e práticas sociais, incluindo a educação, a medicina, a psiquiatria e até mesmo o governo. "O poder pastoral, ao buscar o cuidado e a salvação do indivíduo, institui uma relação de dependência e submissão, onde o pastor (líder) tem a autoridade de guiar e ovelha (indivíduo) tem o dever de seguir" (Foucault, 2008b, p. 140). Essencialmente, refere-se a uma forma de poder que visa orientar, governar e controlar os indivíduos, não apenas em termos de suas ações externas, bem como em relação à sua subjetividade, moralidade e conduta.

Além disso, constitui-se por um poder de tipo religioso que tem seu princípio na relação que Deus exerce sobre os homens. O filósofo afirma ainda que:

O poder do pastor é um poder que não se exerce sobre um território, é um poder que, por definição, se exerce sobre um rebanho, mais exatamente sobre o rebanho em seu deslocamento, no movimento que o faz ir de um ponto a outro. O poder do pastor se exerce essencialmente sobre uma multiplicidade em movimento (Foucault, 2008b, p. 168).

Neste âmbito, o papel do líder, que no caso é o pastor Silas Malafaia, assume o dever de cuidar, orientar e bem conduzir o rebanho para o caminho da salvação, sendo um poder de cuidado. De acordo com Foucault (2008a), pastor é aquele que zela, sendo que o "zelar", é tomado pelo sentido de vigilância do que é permitido fazer, ou não, além de afastar todo o tipo de ameaça. Ademais, o pastor dirige todo o rebanho, e só pode exercer com êxito essa tarefa, desde que não haja uma só ovelha que lhe possa escapar do controle. Portanto, no âmbito desta pesquisa, a análise passa pela regulamentação e controle do discurso do pastor, tendo por efeito a construção de sentidos que articulam fé, política e poder em uma tríade de relações e formas de dominação.

Assim, no âmbito desta discussão, ao se analisar os enunciados do discurso que emergem do pronunciamento do sujeito pastor no acontecimento da manifestação pública da Avenida Paulista, promove-se um efeito de legitimidade sobre o que é dito, de forma a vigiar o rebanho e conduzi-lo enquanto massa da população que se quer governar. Entretanto, a vontade de verdade emana para construção de sentidos no apego ao discurso religioso como estratégia, conforme veremos nas análises do *corpus*.

Historicamente, o poder pastoral foi introduzido pela igreja cristã, estabelecendo os mecanismos e instituições definidas para organizá-lo. Destarte, "o pastorado no Cristianismo deu lugar à arte de conduzir, de levar, de dirigir, de guiar, de controlar e manipular os homens" (Foucault, 2008b, p. 218). Trata-se de um poder que guia para a salvação, dita a lei e ensina a verdade a ser seguida, sendo a relação da ovelha, com o seu pastor, uma relação de obediência e dependência integral. Assim, para Siqueira (2023, p. 01), a Igreja é a instituição que representa uma religião com aspiração "ao governo cotidiano dos homens em sua vida real a pretexto da sua salvação". Para Foucault, não há nenhum outro exemplo parecido na história da humanidade que não se relacione com o contexto da religião e da obediência dos fiéis.

Portanto, as práticas discursivas e não discursivas desempenham um papel crucial na subjetivação dos sujeitos dentro do contexto da religiosidade. Quando se trata de

líderes religiosos, como Silas Malafaia, essas práticas são especialmente significativas no governo do outro. Dessa forma, expõe Orlandi (1987) sobre o discurso religioso:

Nas religiões ocidentais esse sujeito-religioso se marca pela submissão, isto é, ele se constitui como aquele que é falado por Deus. O discurso divino - eterno, já-sempre-lá - se realiza no sujeito pela sua total adesão. Ele reflete em si a palavra divina no sentido do espelho, da repetição. Ele não reflete sobre, nem sequer pode tomar distância. Como, na ordem, do discurso religioso, o sujeito se marca pela submissão, isto propicia múltiplas espécies de manipulação. Mesmo porque podemos ver a religião como forma de controlar a agressividade desconhecida. E, nesse caso, converter é pacificar (Orlandi, 1987, p. 15).

Por esse entendimento, os pastores exercem sua autoridade por meio do discurso, condicionado pela historicidade, apresentando-se como portadores de verdades absolutas e intérpretes legítimos das Escrituras Sagradas. Como defende Foucault (2010a), o discurso não é a manifestação de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo, o discurso revela subjetividades e não é neutro, sempre será permeado por uma ordem discursiva, com controles e interdições.

Não obstante, seguindo uma ordem discursiva de um sujeito político de oposição, o pastor assume um lugar em que ele produz discursos polarizadores e antagônicos à indivíduos, entidades e instituições, conforme apresentado em enunciados do discurso produzido na manifestação pró-Bolsonaro. Desse modo, produz-se uma vontade de verdade para que a população esteja ciente dos riscos que podem sofrer sobre a punição dada, conforme as leis constitucionais que se direcionam para o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, considerado pelo pastor como "o maior perseguido político da história do país⁵".

Ressalte-se que, na atualidade da presença das mídias digitais na sociedade, considerável parte dos líderes religiosos controlam o acesso à informação, produzindo e fazendo circular discursos baseados na sua visão de mundo. Prova disso é que além de pastorear e conduzir os fiéis de sua igreja, Silas Malafaia possui, também, perfis nas redes sociais, como *YouTube*, *Facebook*, *Rede X* e *Instagram*, contando com mais de quatro milhões de seguidores nesta última, por exemplo. O que chama atenção, no entanto, não são as publicações de cunho religioso, mas os rotineiros conteúdos, expressando posicionamentos contra as autoridades, ministros dos Tribunais Superiores e demais instituições democráticas do país⁶.

Tais práticas podem limitar o acesso dos sujeitos às perspectivas divergentes e reforçar ainda mais a adesão à doutrina religiosa ou ideologia política. As práticas discursivas nesses suportes midiáticos também são utilizadas para construir e fortalecer as comunidades de fiéis. Frequentemente se articulam normas morais e éticas por meio do discurso, delineando o que é considerado certo ou errado, consoante os ensinamentos bíblicos.

Em suma, essas normas orientam o comportamento dos pastoreados, influenciando a construção de si como sujeitos religiosos. Em conjunto, essas práticas discursivas são utilizadas como estratégias que contribuem para a subjetivação dos fiéis dentro do contexto da religiosidade, moldando suas identidades, crenças e comportamentos

⁵ Em um trecho do seu pronunciamento, o pastor Silas Malafaia define a situação como uma perseguição política que se direciona, principalmente, ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Esta parte se encontra nos 19 minutos do vídeo que foi publicado no perfil do Poder360, canal do Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T5-ujj4RbvU&t=204s>. Acesso em: 05 ago. 2024.

⁶ No próprio evento da manifestação pró-Bolsonaro na Avenida Paulista, o pastor Silas Malafaia proferiu ataques ao ministro Alexandre de Moraes, ao STF e ao TSE. Mais informações em: <https://www.poder360.com.br/poder-gente/malafaia-critica-moraes-stf-e-tse-em-ato-na-paulista>. Acesso em: 25 jun. 2024.

conforme os valores transmitidos pelos seus líderes, construindo-se, dessa forma, vontades de verdade, a serem demonstradas ao longo das análises empreendidas no decorrer deste trabalho.

Nesse sentido, os estudos foucaultianos exploram como os discursos estão na base das relações de poder e saber, produzindo modos de subjetivação por meio da construção de vontades de verdade. Assim, acredita-se que todo discurso é uma forma de produção de conhecimento e poder ao defender que: “enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como um poder de coerção” (Foucault, 2005, p.18). Com base nesse entendimento, a verdade molda nossa relação com o mundo e com os outros.

O autor contraria a ideia de que a verdade é objetiva e universal. Ele argumenta que a verdade é construída socialmente e varia ao longo do tempo e do espaço. A vontade de verdade está relacionada à maneira como as instituições como (a ciência, a religião e o sistema jurídico) produzem e mantêm verdades, sendo que o poder está ligado à produção de verdades e quem detém o poder tem a capacidade de definir o que é verdadeiro e o que não é, consoante o exposto:

[...] o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que responde ao desejo ou aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? O discurso verdadeiro, que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade que o atravessa; e a vontade de verdade, essa que se impõe a nós a bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascarar-la[...] (Foucault, 2005, p. 20).

Dessa forma, todo e qualquer discurso é permeado pelas vontades de verdade de acordo com a formação discursiva na qual está imerso pelas regularidades e singularidades, enquanto sistemas de dispersão. A vontade de verdade é construída discursivamente e permeia os modos de ver e dizer, mediante posições sujeitos que enunciam alicerçados em saberes e poderes, dentro de uma dinâmica social.

Ademais, Michel Foucault (2010a) desenvolveu uma metodologia analítica que visa questionar os saberes presentes nos discursos e práticas sociais. Através da análise arqueológica, ele investiga as formas como o saber se manifesta, como é exercido e como molda as verdades numa determinada sociedade. Nesse sentido, ao aplicar tal metodologia na análise do *corpus* que constitui o nosso objeto de estudo, indagando a posição sujeito do enunciador, Silas Malafaia, torna-se possível compreender não apenas o conteúdo aparente de suas falas, mas também os saberes, uma vez que como líder religioso e político, utiliza seu discurso para construir e reforçar certas hierarquias sociais e morais, além de fabricar vontades de verdades, a partir do discurso religioso, no entrelaçamento com questões políticas.

Por meio de uma análise detalhada de suas declarações públicas, é possível identificar os mecanismos pelos quais ele exerce esse poder discursivo. Além disso, é importante considerar que o discurso produzido por ele está numa historicidade em articulação com a formação discursiva, como esses conceitos são formados, de modo a nos fazer analisá-los como discursos que interligam religião e política na construção de sentidos e dos atravessamentos com outros discursos produzidos em outros lugares da história.

4 ENTRE O PODER, A FÉ E A POLÍTICA: SENTIDOS EM REDE NA CONSTRUÇÃO DE VONTADES DE VERDADE

Para considerarmos a dimensão de alcance que os discursos religiosos atingem nos sujeitos, cabe destacar que tal discurso pode usar diferentes estratégias para que as relações de poder sejam construídas, produzidas e normalizadas mediante a produção dos discursos que envolvem a fé dentro do âmbito político. Neste sentido, a proposta do trabalho se sustenta na análise do *corpus*, constituído por enunciados materializados no pronunciamento de Silas Malafaia no evento pró-Bolsonaro no dia 25 de fevereiro de 2024. O enfoque se sustenta na condição de que, para enunciar, o sujeito assume uma posição em relação a quem fala e de qual lugar institucional o enunciado cria condições de emergência para outros dizeres.

Em razão do discurso estar em uma dimensão que nos impede de realizar a análise em sua totalidade, consideramos três enunciados discursivos que apontam para a relação entre a fé e a política. Ressaltamos a vontade de verdade construída em articulação com os interesses políticos e o poder pastoral como uma organização que exerce o domínio e a manutenção da ordem por parte daqueles que estão à frente como líderes.

A primeira materialidade selecionada contém o seguinte enunciado:

Olá, povo abençoado do Brasil... Que alegria estar aqui! Eu queria que vocês aguçassem bem o ouvido, prestassem bastante atenção no que eu vou falar aqui... Em primeiro lugar, eu quero deixar aqui o meu repúdio ao presidente Lula, que fez o Brasil ser vergonha no mundo inteiro! A fala dele não representa o povo brasileiro! (Poder 360, 2024, transcrição nossa)⁷.

Ao considerarmos a posição de quem enuncia, percebemos que Silas Malafaia fala enquanto um sujeito que ocupa um espaço institucional (igreja) e que carrega sob seu discurso o apoio das pessoas que se encontram naquela manifestação. Ao enunciar que a fala do presidente Lula “não representa o povo brasileiro”, ele traz à tona a representação de uma população que se enquadra em uma questão política, que está alinhada aos mesmos valores e crenças que o pastor possui.

Neste sentido, há uma formação discursiva que se alinha ao viés religioso para atacar o presidente Lula em relação ao acontecimento em que o chefe de Estado fez uma série de críticas sobre os atos cometidos pelo estado de Israel em Gaza. Este enunciado faz com que a atenção que Malafaia pede aos seus apoiadores como uma estratégia para que a disciplina seja produzida em seu discurso, uma vez que “a disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente (Foucault, 2014, p. 161).

É importante destacar que o enunciado em questão traz à tona algumas questões que Foucault (2016) problematiza na obra *Subjetividade e Verdade*. Para o filósofo, “Em nossa cultura, em nossa civilização, numa sociedade como a nossa, há certos discursos que, institucionalmente ou por consenso, são reconhecidos como verdadeiros a partir do sujeito” (Foucault, 2016, p. 12). Em consonância com a citação, percebemos que o enunciado possui uma dupla articulação para a busca da verdade, ora pela posição em que Silas Malafaia ocupa (um pastor protestante neopentecostal, líder de uma das maiores assembleias evangélicas do país), ora pela aproximação com a religião de modo

⁷ Para fins didáticos, transcrevemos alguns trechos do discurso feito pelo pastor Silas Malafaia a partir de um vídeo publicado no YouTube pelo canal Poder 360. Maiores informações em: <https://www.youtube.com/watch?v=T5-ujj4RbvU&t=1235s>. Acesso em: 05 maio 2024.

que induz os fiéis à fidelidade pastoral. Desse modo, ele utiliza como estratégia discursiva temas da fé – povo abençoado – para aproximar o público daquilo que é crível e conveniente para o bem maior da nação. Também é possível ressaltar a construção de sentido no discurso pela posição política que o pastor assume diante da apresentação com o ex-presidente de modo que exerça influência sobre os membros da igreja que conduz.

Apresentamos o segundo recorte de análise do discurso de Malafaia na avenida Paulista:

Me perguntaram: pastor, o senhor não tem medo de ser preso? Eu respondo: quem tá do lado da verdade, da justiça, defendendo a maior perseguição política da história do país... Messias, Jair Messias Bolsonaro, o maior perseguido político da nossa história! Ter medo de ser preso por defender a sua liberdade e a liberdade do povo brasileiro é honra para mim, é honra para mim... Não tenho medo de ser preso! vergonha é se calar, vergonha é se esconder, vergonha é fugir! (Poder 360, 2024, transcrição nossa).

Ao considerarmos o enunciado acima, percebemos que há uma historicidade em torno da perseguição política que o sujeito enuncia em relação ao ex-presidente Bolsonaro, pois, diante do contexto da manifestação, podemos compreender que há uma produção que denuncia a investigação do antigo líder de Estado, alvo da Polícia Federal sobre uma articulação para a tentativa de golpe de Estado. Além disso, podemos observar uma formação discursiva que se alinha aos princípios da lei e da ordem por meio do cumprimento e do exercício da justiça, entretanto não enquanto instituição e, sim, por meio da vontade de verdade de que ele está “do lado do maior perseguido político da nossa história”.

Neste sentido, a instância judiciária é confrontada, a partir do momento em que Malafaia, utilizando-se do poder pastoral, demonstra um cuidado em relação ao ‘rebanho’, zelando pelo bem-estar dos indivíduos, sendo o intermediário entre o rebanho e a vida eterna, constrói a narrativa de que existem dois lados e de que está do lado da “verdade e justiça”, por isso não tem medo de ser preso. Além disso, podemos depreender que o sujeito enunciador utiliza de valores como liberdade, patriotismo e orgulho nacional para reforçar o fato de que o povo brasileiro está unido pelos mesmos princípios (Deus, pátria e família – lema utilizado no governo bolsonarista e que defendia princípios de manifestações cristãs).

Vale destacar que o enunciado produz um efeito de coragem sobre a imagem de Silas Malafaia, e isto é observado nos trechos: “ter medo de ser preso por defender a sua liberdade e a liberdade do povo brasileiro é motivo de honra pra mim”; “não tenho medo de ser preso”. Assim, pela visão foucaultiana, as modalidades enunciativas referem-se às formas pelas quais as declarações são feitas, quem as faz e em que contexto. Assim, a honra e a defesa da liberdade do povo brasileiro evidencia, no presente caso, que há uma verdade sendo construída socialmente, associada a um poder ligado a capacidade de definir o que é verdadeiro, ou não. Desse modo, ao considerarmos a materialidade discursiva, percebemos que “[...] o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” (Foucault, 2014, p. 128).

Ao considerarmos outro aspecto relevante, enquanto proposta para a análise deste trabalho, destacamos o dizer, na ordem do discurso do pastor:

Eu termino, para orar, citando um texto da Bíblia que me move. Hebreus 13:6: O Senhor é o meu ajudador, não temerei o que me possa fazer o homem. Deus abençoe você, Deus abençoe tua família, Deus abençoe a querida Pátria brasileira, Deus nos livre desses homens maus. (Poder 360, 2024, transcrição nossa).

Ao observar o enunciado acima, podemos compreender que há uma relação entre o discurso religioso para enfatizar o valor de verdade daquilo que é enunciado por Malafaia. Esse valor é construído a partir de disposições que definem o que pode ser dito e quais condições emergem diante das eventualidades históricas para que o efeito de sentido seja de fato evidenciado. Devemos levar em consideração que um enunciado não possui uma correlação, ou seja, uma referência que se liga arbitrariamente em função do dito, mas “[...] a um “referencial” que não é constituído de “coisas”, de “fatos”, de “realidades” ou de “seres”, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para que os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. (Foucault, 2014, p. 110).

Se questionarmos o porquê de o sujeito enunciar em apelo à Bíblia, podemos compreender que o apelo ao discurso religioso se sustenta naquilo que é mais sagrado para os que se consideram como cristãos. Promove-se, assim, o apelo do pastor em meio à profusão que emana do poder pastoral, no cuidar e controlar. Por isso, a formação das estratégias é realizada de modo que a oração é o elemento discursivo que mais alinha o pastor com o seu público, pois ambos apresentam a mesma crença e a tratam na mesma dimensão religiosa. Portanto, ao utilizar fragmentos do discurso religioso, constitui-se uma estratégia discursiva que faz com que a vontade de verdade seja produzida e efetivada para aqueles que o ouvem.

Ao utilizar o enunciado da bíblia - Hebreus 13:6, o sujeito pastor promove via discurso um efeito de legitimidade e credibilidade, tendo em vista que marca sobre os fiéis um exercício de poder tanto na gestão do corpo individual, quanto na esfera de controle da população, mediante os efeitos do poder pastoral. Essa relação entre o discurso político e religioso marca a heterogeneidade da FD no atravessamento de vozes que se manifestam discursivamente, produzindo diferentes sentidos e vontades de verdade.

Ainda na produção de sentidos desse enunciado discursivo produzido pelo pastor Silas, há a estratégia de governo do outro, percebido por meio do entrelaçamento com o discurso religioso. Assim, de acordo com Santos e Nascimento (2020) há um sentido produzido por meio da formação discursiva religiosa, na qual há uma posição discursiva que legitima, via discurso o que é dito, uma vez que direciona a cada sujeito social o apelo legitimado por um sujeito enunciador, representante da instituição religiosa, conforme o enunciado “Deus abençoe você, Deus abençoe tua família, Deus abençoe a pátria brasileira”, visa uma forma de governo pela multiplicidade, de modo que o pastor almeja o bem comum a todos aqueles que o ouvem. Assim, “o poder do pastor é um poder que por definição se exerce sobre um rebanho, em seu deslocamento, no movimento que faz ir de um ponto a outro. O poder do pastor se exerce essencialmente sobre uma multiplicidade em movimento” (Foucault, 2008b, p. 168).

Ainda, em diálogo com Foucault (2014), podemos compreender que as regras de formação do discurso são históricas e construídas em uma correlação entre o que é dito e o que pode ser representado conforme certas condições de produção. Com isso, o sujeito enunciador assume a ideia de que os homens maus são aqueles que não veem o bem do país da forma que ele crê e por isso, liga a ideia do presidente Lula ao principal elemento daqueles que não representam o país, ou seja, as ideias dos eleitores aliados ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

Ao retornarmos ao enunciado, podemos destacar dois elementos necessários para a compreensão da análise: o trecho da bíblia e o efeito anafórico no uso da palavra “Deus”. Estes pontos são cruciais para compreendermos como Silas Malafaia alcança o seu público pela construção das vontades de verdade, cativando-os emocionalmente em razão do que ele enuncia. Desse modo, liga-se às formações das modalidades enunciativas, pensando na relação entre o enunciado, o sujeito e a produção da vontade de verdade pelo apelo da fé não apenas no acontecimento, mas em outros discursos que retomam questões religiosas em espaços que se interligam na rede discursiva. Embora o acontecimento seja político, o sujeito produz um discurso que se constitui pela articulação com a fé, na dimensão religiosa. Desse modo, a formação discursiva se constitui pela formação das estratégias, as quais se interligam desde a sua individualidade até as redes de relações que podem ser estabelecidas pelo mesmo sistema. De acordo com Foucault (2020):

Uma formação discursiva será individualizada se se puder definir o sistema de formação das diferentes estratégias que nela se desenrolam: em outros termos, se se puder mostrar como todas derivam (malgrado sua diversidade por vezes extrema, malgrado sua dispersão no tempo) de um mesmo jogo de relações (p. 80-81).

Para o pastor, o povo brasileiro é abençoado por ser temente a Deus, e por isso, quem o crê merece ser abençoado da mesma forma. Caso Bolsonaro seja injustiçado pelo que a lei determina, o povo orará, já que ele também se considera fiel e que todos aqueles que estão contra o seu ideal são considerados como maus, “Deus nos livre destes homens maus”. Neste caso, os homens maus a quem Malafaia se refere são marcados pela formação discursiva de oposição, sendo representada por todos os que marcam relações de poder, através das estratégias de governamentalidade, podendo ser ligados ao presidente Lula, os membros do governo e o Supremo Tribunal Federal.

Deste modo, podemos compreender a partir dos três excertos do discurso, enunciados por Silas Malafaia na Avenida Paulista no dia 25 de janeiro, em favor ao ex-presidente Jair Bolsonaro, as relações que são estabelecidas entre o poder, a fé e a política, conforme os seus interesses e relacionados ao valor de verdade que se engendra nos mecanismos discursivos para que as formações discursivas sejam produzidas e efetivadas sobre os enunciados materializados no acontecimento em questão. Além do que, a manifestação foi realizada para ser um espetáculo e provocar efeitos nas diversas mídias, reforçando o que Debord (2003) afirma acerca dos meios de comunicação em massa para a criação de uma sociedade do espetáculo, com o intuito de demonstrar força e grande adesão do público ao discurso propagado, buscando que o espetáculo unifique a opinião da sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo realizar uma análise do discurso propagado pelo líder evangélico Silas Malafaia, sob a luz da abordagem arqueogenealógica de Michel Foucault. Vale destacar que conforme as materialidades selecionadas para a análise, o intuito era o de compreender as imbricações entre as vontades de verdade ligadas à produção de sentidos na articulação entre religião e política no discurso de Malafaia no contexto da manifestação pró-Bolsonaro na Avenida Paulista, que ocorreu no dia 25 de janeiro de 2024.

Ao retomarmos as três materialidades que foram selecionadas do discurso do pastor, pudemos concluir que as relações de poder se manifestam a partir da vontade de verdade que é produzida discursivamente, atrelada à fé e ao interesse político, os quais se vinculam. Não obstante, podemos observar que as imbricações religiosas ocorrem com maior recorrência nos enunciados selecionados, uma vez que servem como estratégias discursivas para dar ênfase ao apoio dado ao ex-presidente Bolsonaro, para dar críticas ao atual presidente Lula e para unificar o povo diante da vontade que Malafaia crê e que lança à luz de seu público.

Deste modo, acreditamos que este trabalho sirva de motivação para compreender os discursos e como eles podem ser construídos a partir de formações discursivas diversas, de forma a engendrarem as questões políticas e religiosas, uma vez que, na atualidade, o que ocorre com veemência é a junção de tais questões. Outrossim, o trabalho também pode servir para que outros pesquisadores estejam interessados a problematizar as questões políticas, as lutas e as resistências em todas as áreas de pesquisa, salientando pelo viés do discurso a construção das vontades de verdade e sua reverberação social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. de. **Deus no Brasil: A Expansão Pentecostal na Esfera Pública Brasileira**. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2009.

ASSEMBLÉIA DE DEUS VITÓRIA EM CRISTO (ADVEC). 2024. **Quem somos**. Disponível em: advec.org/quemsomos/. Acesso em: 26 jun. 2024.

BUTLER, J. **Discurso de ódio: uma política do performativo** / Judith Butler; traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DELEUZE, G. **Michel Foucault: as formações históricas**. São Paulo: Politeia, 2017.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos**. Ética, sexualidade, política. MOTTA, M. B. da (org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Aufran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 7-13.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25. ed. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Graal Edições, 2008a.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território e População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luíz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade do saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010b.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

GREGOLIN, M. R. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, R.; RAJAGOPALAN, K. (org.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2016. v. 1, p. 115-142.

KOREN, J. C. Silas Malafaia, a Associação Vitória em Cristo e a defesa da família tradicional. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 15, n. 175, p. 10-18, dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/29993/15614>
Acesso em: 20 jun. 2024.

MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 7-23.

ORLANDI, E. P. **Palavra, fé, poder**. Campinas: Pontes, 1987.

PODER 360. **Malafaia discursa durante ato a favor de Bolsonaro na Paulista**. São Paulo, 2024. (23 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T5-ujj4RbvU&t=10s>.
Acesso em: 12 mar. 2024.

REVEL, J. **Michael Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

SIQUEIRA, V. **O poder pastoral**: Michel Foucault. 2023. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/formacao-dos-conceitos>. Acesso em: 6 mar. 2024.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Artigo recebido em: 30/06/2024
Artigo aprovado em: 10/08/2023
Artigo publicado em: 19/09/2024

COMO CITAR

SILVA, W. A.; MELO, D. de; NASCIMENTO, E. F. do. A dos S. Poder, fé e política: vontades de verdade em discurso no acontecimento da manifestação Pró-Bolsonaro. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-17, e02428, 2024.